



Município de
Campo Bom

19º BIVAUQUE DA POESIA GAÚCHA
21 DE OUTUBRO DE 2023 | CTG M'BORORÉ

ORDEM DE APRESENTAÇÃO:

1. AQUELAS MÃOS | BAGÉ/RS

Autor: Guilherme Araujo Collares Da Silva

2. CARTA ABERTA À UMA CORDEONA | PASSO FUNDO/RS

Autor: Henrique Fernandes

3. CONSTELAÇÃO | BUTIÁ/RS

Autor: Juliano Javoski

4. DESCULPAS DE UM PEÃO | ESTEIO/RS

Autor: Djalma Corrêa Pacheco

5. E A RIMA FECHA A PORTEIRA | DOM PEDRITO/RS

Autor: Matheus Costa

6. ESTANCIADO | PELOTAS/RS

Autor: Marco Antonio Gotuzzo Antunes

7. ROMANCE DO TRANÇADOR | XANGRI-LÁ/RS

Autor: Mario Amaral

8. STRADIVARIUS | LAJEADO/RS

Autora: Bianca Bergmam

9. TROPEIRO DAS ÁGUAS | CHAPECÓ/SC

Autor: Edson Marcelo Spode

10. MEU VERSO JUDIADO | BAGÉ/RS

Autor: Caine Teixeira Garcia

1



Município de
Campo Bom

AQUELAS MÃOS | BAGÉ/RS

Autor: Guilherme Araujo Collares Da Silva

Declamadora: Silvana Andrade

Amadrinhador: Guilherme Collares

Feito a raiz que estende ramos,
As mãos, nervuradas e duras,
Cortadas por veias azuis,
Corriam como rios
Num mapa cor de luar.

De baixo da manga do punho esquerdo,
O lenço branco de conter lágrimas
Passeava sob os óculos de aro negro,
Contrastando com o olhar azul violeta.

Aquelas mãos...
Que entendiam de ninar filhos e netos,
Cantando carícias de antigas melodias
De rondar tropas e vigílias carreteiras,
Reuerdo de outros tempos e lugares.

Aquelas pobres mãos descarnadas
Conheciam de bordados e agulhas...
E rendas de bilro.



Município de
Campo Bom

E remendos em bombachas e camisas,
Renovando casas e botões,
Aprontando enxovais e costurando colchões.
E mesmo o triste augúrio das mortalhas
Que nasciam como antítese ao final.

Aquelas mãos descascavam marmelos,
Que depois da cosedura eram moídos...
E a pasta, misturada com açúcar,
O tacho terminava de compor.
Aquelas mãos que volviam carne viva
Da colheita e preparo das figadas,
Maculadas de amor e obrigação.
Aquelas mãos...

As mesmas mãos que, um dia,
Foram fortes e soberbas
E acariciaram o peito e os cabelos
Do homem que lhe foi predestinado.
Os mesmos cabelos alisados
Na despedida funeral de um qualquer dia,
Negreando as contas do terço
Enroladas contra o alvo da tristeza.



Município de
Campo Bom

Assim como as despedidas,
Eram aquelas mãos
Resignadas e conformes.
Em seus gestos, naturais e comedidas,
Por mais necessária se fizesse a reação.

Feito pássaros,
Voavam livres ao contar os causos,
Desenhando o passado aos olhos curiosos
De tanta gente que lhe conhecia a voz.

Como algo tão frágil na aparência
Continha tanta força?
Como alicerçavam toda uma família
Com a simples menção de um manifesto?

Quase sinto aquela seda
De seus dedos em meu rosto.
Quase entendo aquela alvura
Perpassando meus cabelos,
Enquanto sua voz, cálida e branda,
Desenhava histórias antigas
De antepassados e parentes.

4

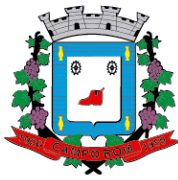


Município de
Campo Bom

Como aquelas mãos me fazem falta,
Desde o tempo imemorial de uma saudade.

As mãos da minha avó...

Aquelas mãos...



Município de
Campo Bom

CARTA ABERTA À UMA CORDEONA | PASSO FUNDO/RS

Autor: Henrique Fernandes

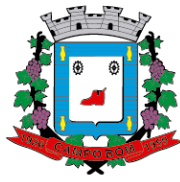
Declamador: Romeu Weber

Amadrinhador: Fernando Graciola e Paulinho Cardoso

“Cordeonita” bem querer
De saudosa ressonância,
Guarda ecos das distâncias
Com feição de alma antiga.
Sinto pulsar em meu peito,
E em meus dedos calejados
O doce dos teus teclados,
-Velha gaitita amiga-...

Contigo tive sustento,
Ergui minha própria morada;
E nos bailes de ramada
Botei o soldo no bolço;
Garanti o pão na mesa
E por dentro das “bombacha”
Botei carne e botei graxa
Na minha “Tropa de Osso”.

6



Município de
Campo Bom

E feito um filho no colo:
Te aconcheguei num abraço.
Das alças feitas de um laço
Que me fizeram regalo:
Pra que eu sentisse tocando
Ao desdobrar o silêncio,
O mesmo amor que “Florêncio”
Sentia por seu cavalo...

Fomos Latinos, Sureños...
Fomos um todo, num só!
Fomos o vento e o pó.
Da pampa agreste oriental.
Contigo, -velha cordeona-...
Enrijeci o tutano
E atravessei o oceano
Cantando o pago bagual.

Só tu sabes dos medos,
Segredos e desencantos
E das “cosas” que amei tanto
Como um “baile de fronteira” ...
“Juntitos” envelhecemos
E chegamos no arremate

7



Município de
Campo Bom

Lavando a erva do mate
Na cacimba missioneira.

O rancho ainda é o mesmo
Vejo meus filhos crescidos;
Agora amadurecidos
Regados de luz e fé.
E tu, velha cordeona,
Meu instrumento de guerra:
Contigo volto pra terra
“Na chama de um chamamé”.

E ao findar a jornada
Deste plano para o outro,
Seremos “solo nosotros”
Cruzando o rio com o barqueiro.
E neste instante taipeiro
Que me traslado em reponte,
Ao invés do tal Caronte
Me Voy com “Pedro Canoero”.

Por certo transcenderemos
Sem precisar de inventário,
Pra seguir o itinerário
Junto a coroa de “Rosa”.



Município de
Campo Bom

E na quietude solene
Do dedilhar de algum grilo,
Eu me depare com o Rillo
Pra mais um dedo de prosa.

Deixo a ti minha “Cordeonita”
Esta carta de acalanto...
Seremos vida e encanto
Num cantar “Chamamecero”.
E assim perpetuaremos
No crespo dos pajonais
Das barracas do Uruguai
D’algum encontro costeiro.

E a peonada da estância,
Recordará os acordes;
Dirão da gaita do “Borges”,
E do sotaque fronteiro.
Seremos luz de candeeiro
Iluminando a Querência,
Na mais genuína essência
“Do coração de um gaiteiro”.

E me despeço de ti
Com um verso da minha lavra!



Município de
Campo Bom

E desta vez com a palavra
Faço a minha despedida.
Seguirei sempre tocando
Na forja que me fiz taita.
-Não fique triste, minha gaita!
Te espero aqui, noutra vida.



Município de
Campo Bom

CONSTELAÇÃO | BUTIÁ/RS

Autor: Juliano Javoski

Declamador: Fábio Malcorra

Amadrinhador: Juliano Javoski

Eu te sou grato,
minha pequena constelação,
formada de ferro e couro,
suspensa sob o céu do galpão,
pela parceria costumeira
debaixo de sóis e chuvas,
sem parar a cantiga,
repartida em dois luzeiros,
um em cada garrão.

Se a noite
tem o regalo de Três Marias,
tu és dois sóis andarilhos
acesos, de noite e de dia.

E no imaginário,
por vezes eu penso,
que o teu tilintar, é saudade
das tuas irmãs lá de cima,
ao lavrares o chão

11



Município de
Campo Bom

ou voares junto aos estrivos...

E só não te vais ao céu
porque te sujeitam,
as alçaprimas.

Eu te sou grato
meu par de sonoros cataventos,
por repartires tua cantiga
com labutas e chamariscos,
girando ao meu comando,
juntando pelagens no vão das puas.
E entre as prendas bonitas,
despertando olhares ariscos.

Há quem nos condene
por cicatrizes no pelo dos potros,
na doma tradicional, “mais ligeira”,
mas, essa, fere só por momentos
e representa uma boa causa;
Piores, são puaços de desenganos
que nos lancinam a alma,
às vezes, pela vida inteira...!!

12



Município de
Campo Bom

Te atribuem
algumas justas alcunhas
pelo que és...e o que pareces ser,
Choronas, Maritacas – lamento e alegria,
Tampa de lata – da roseta avantajada;
Chilenas – de domar ventos andinos;
Nazarenas – um quê de liturgia.

Eu lhes sou grato,
estrelas-guias, companheiras,
por nortear meus rumos,
impregnados de afãs,
tocando as virilhas do flete,
num crioulo missal,
com rezas de quero-queros
e súplicas de tajãs.

Agora,
dormes, no calor galponeiro
das horas noturnas,
ao mermarem os vozerios;
E se a noite,
tem o regalo de Três Marias,
tu és dois sóis que descansam,
acesos, de noite, ... e de dia.

13



Município de
Campo Bom

DESCULPAS DE UM PEÃO | ESTEIO/RS

Autor: Djalma Corrêa Pacheco

Declamador: William Andrade

Amadrinhador: Jorge Araujo

Te peço desculpas,
Por quase uma vida inteira
De pouco afeto ofertado.
Pelo mutismo exacerbado
Por pouco verbo pronunciado
Por não ter te falado de amor.

Na rudeza da mangueira,
Quanto gado eu marquei?
Quanta bicheira curei?
Estirei quanto alambrado?
Mas não parei um só momento
Pra te falar de sentimentos...
Ficaste sempre de lado.

Quantas vezes,
Sem te fazer um carinho
Sem te lançar um olhar,
Saía cedo pra lida
E voltava da recorrida

14



Município de
Campo Bom

Já bem depois do poente
Sem te trazer de presente
Sequer uma margarida.

Quando ao rancho chegava
Da mesma forma, calado,
Tu vinhas, sempre incontida,
Com o chimarrão já cevado
E puxando qualquer assunto,
Somente para estar junto
Te sentavas ao meu lado.
Eu sempre acabrunhado
Mal respondia aos sorrisos
Que, generosa, me ofertavas.
Muitas vezes, nem escutava
Aquilo que me dizias
No meu mundo, ensimesmado.

Quantas vezes, minha linda,
Quando a lida permitia
Algum momento de ócio,
Eu me parava a pensar
Me comparando com os potros:
Por que eu era tão aporreado
E mesmo com tanto cuidado

15



Município de
Campo Bom

Não me deixava domar?
Por que mesmo com brandura,
Com benquerença e atenção,
Eu me mantinha tão aporreado?
Por que eu era tão gavião?

Em algumas noites silentes
Eu abraçava o violão
E coplas saíam do peito.
Com a voz desafinada,
Te falava, minha amada,
Com três ou quatro acordes
E palavras que eram de outros
- Mesmo sem perceber –
Tudo o que queria te dizer,
Mas não encontrava maneira.

De quando em vez, morena,
Nalguma changa graúda
Ficava dias distante...
Quando a lua se achegava
E a peonada se atirava
Pr'alguma farra noturna
De china e de cachaçada,
No meu catre, eu ficava

16



Município de
Campo Bom

- Pois, graças a Deus, adorada,
Canalha, eu nunca fui –
E ali, na solidão,
No silêncio do galpão
Eu lembrava de teu rosto
Rememorava teu sorriso,
Recordava teu cheiro,
Sentia falta de teu gosto...
E por mais distante que fosse
Como que levado pelo vento
Em segundos eu estava
Ao teu lado, em pensamento.

Sim, eu sabia o que era amor!
Sim, eu sabia que te amava!
Só não sabia expressar.

Agora, de nada adiantam as palavras
Aliás... nem mesmo as posso dizer.
Faço agora meu caminho derradeiro...
Por seis argolas, sustentado
Por seis amigos, levado
Serei na terra plantado
Em sepultura de campo
Sem conseguir te dizer



Município de
Campo Bom

Que sempre foste meu apego
Sempre foste meu bem-querer.

Aos poucos, me fundirei com a terra
E brotarei em flechilhas...
E se um dia, maçanilhas,
Jasmins, lírios, margaridas,
Caliandras, amores-perfeitos
E outras cores e perfumes da pampa
Nascerem na minha campa
Sou eu, te entregando, querida,
As flores que quando em vida
Eu nunca soube te dar.

18



Município de
Campo Bom

E A RIMA FECHA A PORTEIRA | DOM PEDRITO/RS

Autor: Matheus Costa

Declamador: Érico Padilha

Amadrinhador: Matheus Costa

Depois que o tino das mãos
destina rédeas às casas,
e o sol que veste o rincão
vai morrendo em mornas brasas,
sempre alguém range basteira.

É um poema que vem voltando,
com a cachorrada escoltando...
...e a rima fecha a porteira.

Quando se escuta a quietude
e, dentro dela, um idioma
- meio terno e meio rude –
dos que o sem fim coleciona,
essa é a cantiga estradeira

que o poema entoa em brio.
Vez por outra, um assovio...
...e a rima fecha a porteira.

19



Município de
Campo Bom

No final das recorridas
sempre se traz um “pesteado”
pra ter caseira guarida
num poteiro mais ao lado,
onde a morada é lindeira.

O poema faz benzedura
com fé na prece que cura...
...e a rima fecha a porteira.

Com garoas estendidas
de se espichar curtas horas
o tempo repensa a vida
e a vida entende as demoras,
que se tornam companheiras.

Já o poema, mais atento,
preenche seu pensamento...
...e a rima fecha a porteira.

Se chegam tropas pesadas
de mágoas, penas e dores,
cansadas dessas jornadas
distintas, nos corredores,

20



Município de
Campo Bom

a alma se faz mangueira.

O poema - calmo - rondando,

uma a uma vai contando...

...e a rima fecha a porteira.

Os atalhos e cruzadas

desses tantos infinitos,

mostram palavras guardadas

nos conselhos mais benditos,

que pra se ouvir, “hay” maneira.

O poema, então, dá ouvidos

para aguçar os sentidos...

...e a rima fecha a porteira.

Pra tirar no campo afora

a recente inspiração

- que, ao comparar, nesta hora

tem ares de redomão -

a solidão é estriveira

que o poema vai se firmando

com jeito, desempachando...

...e a rima fecha a porteira.

21



Município de
Campo Bom

No tinir das madrugadas,
recortando a cerração
e registrando entre geada
cascos redondos no chão,
há fumaça em reboleira

do fumo em lábio cortado.
O poema de laço atado...
...e a rima fecha a porteira.

Mas se tua rima for indo
com a pipa do aguateiro
não está se despedindo:
é o instante passageiro
da consonância parceira

dar água à sua tarimba
nas poéticas cacimbas...
...dos caminhos sem porteiras!

22



Município de
Campo Bom

ESTANCIADO | PELOTAS/RS

Autor: Marco Antonio Gotuzzo Antunes

Declamador: Vitor Lopes Ribeiro

Amadrinhador: Maykell Paiva

Eu não te vejo tapera,
No meu olhar de interior
Aceso em cada lembrança,
Que moldou meu jeito manso,
De reencontrar tua querência,
Pelos caminhos que ando.

Amanheço em tuas mangueiras,
Com proteções de tronqueiras
E resvalos de cavalos,
Curando tempos de maio,
Dos apartes de abril,
Que o veranico marcou.

O potreiro em frente as casa,
Trazia um oh de casa,
Quando cruzava a cancela,
E o aroma da cozinha
Desmanchava-se em propostas
De caramelos de aboboras,



Município de
Campo Bom

Charque e feijão mexido,
Com bênçãos de carinhos,
De quem ao fogão estava.

Estância é aprendizado,
Onde se aprende a viver
E, também a entender,
O valor das coisas simples,
Qualquer trabalho é importante
Desde o feitio de um “alambre”,
Até o enfrenar de um cavalo,
A li a gente compreende,
Este universo do pago.

Lembro as tachadas de doce,
Nos sábados pela tarde,
O aroma das goiabeiras
Enraizadas no tacho,
Os vícios das pescarias
No açude enluarado,
Que tinha um gosto terrunho,
e a prece dos vagalumes,
Em meio a silhueta do gado.

24



Município de
Campo Bom

E a camélia da frente,
Que emprestava suas flores,
Pra coroa dos finados,
Do cemitério local,
Que era um encontro da gente,
Daquele sagrado rincão,
Uns de a pé, outros a cavalo,
Não importava o tempo feio,
Pra quem tinha devoção.

O poteiro do banheiro,
A mangueira de pedra moura,
Casa do forno e galpão,
Pátio de pedra e algibe,
A cacimba da sanguita,
A paineira da quinta,
Campo dos mouros e figueira,
A horta e o cercadito,
E o carreiro das hortênsias.

O caminito do gado,
Entre o lajeado do fundo,
Caponete pitangueado,
Tarumãs e corticeiras,
Ali fui mais que um farrapo,



Município de
Campo Bom

Encarnando minha raça,
Na infância de um legendário,
Lutando por meu estado,
Com meu flete de taquara.

Teus movimentos terrunhos,
De laço, encilha e repontes,
Esquilas, banhos de gado,
Carreta puxando lenha,
Ringindo pelo rodado,
Reflete minha condição,
De andar querência sempre,
Voando pelo inconsciente,
Sem me afastar do teu chão.

Nunca te verei tapera,
Nas luzes de minha lembrança,
Andas comigo nos gestos,
No jeito, no coração,
Levo aquerenciado
O perfil de um coxilhão,
Com paraísos sombreados
Oreando um verso estanciado,
Nas sestiadas de verão.



Município de
Campo Bom

ROMANCE DO TRANÇADOR | XANGRI-LÁ/RS

Autor: Mario Amaral

Declamador: Alex André Visentin

Amadrinhador: Chico Teixeira

Com os dedos firmes no cabo da faca
Pra tecer as cordas no ritual campeiro
O punho certo vai lonqueando tentos
Em dias de chuva ao calor do braseiro

Ritual e romance num gesto de pampa
Entrevero de guampas que o campo iguala
Bocais e trançados nos galpões terrunhos
Ofício e legenda que o tempo assinala

Trancei laço, relho, cabresto, buçal,
Bainha, mango, fiel, barrigueira, barbicacho...
Preparei arreios tauras com couro de boi brasino,
Pra proteger o carnal com o pêlo virado pra baixo.

Cuidei de tapichi e laço ramalhado
Pra retovar usei mordança, cravador e bom tino
Só esqueci lá na chuva amanhecido
O couro cru pra o apero do destino

27



Município de
Campo Bom

O tempo foi de soslaio deixando a marca da espora
Guasqueando a vida apresilhada na ilusão
Quem tentou a vida solito hoje se vê enredado
Em quatro tentos torcidos das cordas do coração

Além do couro trancei o rumo dos ventos
Tento por tento com o aroma da courama
Mas esta sina foi além de um doze braças
Desenrodilhou-se e pela pampa se derrama

Não tive tempo de courear o boi saudade
Que por malino só atende a relho e a grito
Só tive tempo de courear o boi esperança
Que deixo de herança para as mãos do piazito

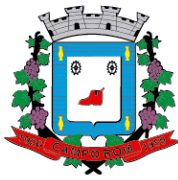
A lida bruta temperada na fumaça
Que a cisma perpassa com tentos em sinfonia
Como eu quisera com os cabelos da morena
Fazer mil tranças de amor e de poesia

Nas horas ermas em que a saudade vem de jeito
Adentra ao peito tal ponilha e faz estrago
Tomo um mate pra espantar a solidão
E braceio um couro bom pra tentar a tranco largo



Município de
Campo Bom

A mim que trancei cordas bagualas vida afora
Garreando as horas com a força de um sovéu
Restou somente o próprio couro garroteado
E a alma desquinada pra trançar tentos no céu



Município de
Campo Bom

STRADIVARIUS | LAJEADO/RS

Autora: Bianca Bergmam

Declamador: Wilson Araujo

Amadrinhador: Paloma Pitaya e Fernando Graciola

Eu não sou velho!

Bravejei aos berros, enquanto o corpo me gritava:

- ""É"!

A longa estrada a me pesar os ossos.

As carnes moles a doer por nada.

Os olhos turvos e tão embaçados,

Olhando ao longe e nem chegando perto.

A voz cansada até para gritar.

Então parei para pensar no assunto...

Onde eu estava que não percebi

O dia a dia a me roubar o viço?

Onde eu parei, que não deixei o ofício,

Enquanto os outros foram descansar?

E assim me vi desesperado e pobre,

Feito a moeda que não vale nada

E que por outra já será trocada,

Sem poder ter o que já lhe coubera.

30



Município de
Campo Bom

E assim me vi, com o peito qual tapera,
Que ainda resiste neste ir e vir,
Sabendo triste, logo um vento chega
E inevitável lhe será cair!

Olhei na volta, rebusquei amigos...
Achei uns poucos, outros tantos foram.
Foram embora, pra virar lembranças
E umas histórias pra contar aos netos.

Mas sim. Eles viraram lembranças!
E sim... Eles deixaram histórias!

Nesse momento, me entendi um velho.
Velho demais pra questionar o tempo,
Pois a velhice que ele impõe aos corpos,
Minha alma nega a aceitar, por dentro.

Mas não! Eu não sou velho!
Baluceei aos prantos
E as minhas lágrimas me entenderam.

Porque elas sabem que esse meu novelo
Não tem vontade de se embaraçar.



Município de
Campo Bom

O fio da vida está esticado,
Mas eu o vejo feito a corda tensa,
Que sublinhada pelo arco certo,
Extraí as notas de um Stradivarius.

A velhice... Ah... A velhice,
Bela senhora, tem os seus encantos.
Tem a experiência do contar dos anos...
Tem a beleza do saber pra mais...

E a tapera?
A tapera agora no meu peito canta!
Se é inevitável o chegar do vento,
Que ele a encontre firme e sem lamentos,
Olhando o tempo e abraçando a sorte,
Porque quem olha sem pesar pra morte,
Sabe que a vida lhe valeu a pena.

Encaro o alto da escadinha infame...
Olho as sacolas e me encorajo.
Cada degrau é um desafio, mas ajo.
Não me conformo, eu consigo! Eu venço!
Até que o ar me falta em um momento,
Paro de soco e quase me esborracho.
Faltam mais três e lá me vou de novo!

32



Município de
Campo Bom

Subo os degraus e o desafio é pago.

E lá do alto, ao olhar pra baixo,
Com as sacolas e com as mãos tremidas,
Numa cadeira, eu repenso a vida,
Com um pensamento a me tomar de assalto.

É... Eu sou um velho!

Eu sou um velho!
Repeti sorrindo
E até a vida, me sorriu de volta!

Porém um velho cheio de desejos.
De tempo e vida, sou quase um guri.
E quando o tempo me encara eu digo:
-Um velho sim, mas não envelheci!

33



Município de
Campo Bom

TROPEIRO DAS ÁGUAS | CHAPECÓ/SC

Autor: Edson Marcelo Spode

Declamador: Jorge Ivonei de Barros

Amadrinhador: Daniel Lock

Dom Hilário, firmou a mirada
Pro lado que a chuva encilha
Balseiro de ofício e cartilha
Bombeando as barras do poente
É assim como o peito da gente
Quando em suas secas do amor
Campeia um bom “chovedor “
Ansiando que vire enchente.

E o velho Uruguai lendário
Embala a balsa igual berço
O balseiro reza o seu terço
Na névoa que o descortina
Enquanto transborda a retina
Do espelho manso das águas
Tropeia os sonhos e magoas
Rumbeando a pátria Argentina

34



Município de
Campo Bom

Solta os cabos da canchada
Que o rio desenha o caminho
Teu chão é o cedro e o pinho
Barganhas pra algum vintém
Para os sonhos do Goio Em
“ La plata “ em Santo Tomé
E para as horas de pouca fé
As preces de outro alguém....

E quando as asas da noite
Emponcham balsa e barranca
Uma nostalgia se abanca
Bem junto ao catre vazio
E a madrugada no cio
Dança com os vultos da mata
Enquanto respinga a prata
Da lua beijando o rio.

Pras águas mansas tenência
Coragem nas corredeiras
A embirra ajouja as madeiras
E aperta mais que saudade
Mas um balseiro em verdade
Que o salto grande golpeia



Município de
Campo Bom

Por certo também maneia
O que chamam... felicidade

Rio abaixo gineteando
Dois Estados amadrinham
São destinos que se alinham
Onde o perigo é a labuta
Talvez é a lide mais bruta
Na hora do tempo feio
No estouro desse rodeio
Não há mais quem reculuta

Cada curva é conhecida
Mas não paira uma certeza
Sempre a mercê da destreza
Do prático em sua manobra
O preço que um erro cobra
É um final sem despedida
Que adianta faltar a vida
Por ter coragem de sobra

Velho ditado oportuno
Que o bisavô repetia:
Na cancha de Santa Maria
Traíçoeira mais que serpente

36



Município de
Campo Bom

Se não for guapo o vivente
A marreta desmancha a balsa
Assim como gente falsa
Destrói os sonhos da gente

O alvoroço da peonada
É balsa que entrou certa
Contos de réis na algibeira
Pra agigantar o paysano
Há de afogar desenganos
No colo das madrugadas
Sorvendo ilusões compradas
Com sotaque castelhano

Tropeiros de águas passadas
Dos tempos de Dom Hilário
No mais primitivo cenário
Ofício dos mais valentes
Renomados ou indigentes
A mesma fração de glória
Que no esteio da história
Lançaram nossas sementes

Quisera eu ter a coragem
Que tivestes nessa lida



Município de
Campo Bom

E tocar a balsa da vida
De forma sensata e mansa
Carga "buena" de esperança
Por esse rio da existência
E por uma fresta da ciência
Voltar ao porto.....criança



Município de
Campo Bom

MEU VERSO JUDIADO | BAGÉ/RS

Autor: Caine Teixeira Garcia

Declamador: Pedro Jr da Fontoura

Amadrinhador: Henrique Scholz

Vai bem judiado o meu verso
Já quase vencido, estropiado...
Quem sabe, cansado da lida
E de camperear com o gado.
Bem estribado, ainda assim,
Firme nas pernas cambotas!
Com um par de estrelas de chão
Fazendo moça nas botas!

Assoviando coplas ao vento
- milongas de um tempo antigo –
Dessas que a pampa oferece
Quase num tom de castigo!
Um palheiro meio apagado
Enfumaçando o bigode farto,
Um velho lenço a meia espalda
Um verso antigo, de fato!

Meu verso vai num tranquilo,
Curtido do pó das estradas,



Município de
Campo Bom

Deixando marcas no tempo
Com meias-luas cansadas...
Tem fome e sede incontidas
E uma cruz no céu encravada,
Que lhe aponta os caminhos
De ser querência e mais nada!

Sovando lombilho e badana
No sul do sul desse país,
Um desbravador de fronteiras
Mantendo viva a sua raiz!
E foi de tanto “bandeá” tropa
Em tempo feio e enfarruscado,
Que cedo aprendeu a manha
De encilhar com o pelego virado!

O meu verso leva à cintura
Um aço bueno que foi tesoura,
E que ele mesmo afiou
Num lombo de pedra moura!
... e dizem que é enfeitada
Essa xerenga de palmo e meio...
Certa feita, ao defender o verso,
Provou o gosto do sangue alheio!

40



Município de
Campo Bom

No tirador, indeléveis marcas,
Timbradas por golpes de laço!
Batismos de pelo e sangue,
Riscos de guampa e balaço.
E a velha trança nos tentos,
Apresilhada pras “precisão”,
São doze braças lonqueadas
De um boi arisco e refugão.

Parceiros, à sombra do verso
E do pingo – um flete de lei –
Dois ovelheiros gaúchos
Honrando a estirpe da grei!
Preso ao barbicacho de couro
Vai bem tapeado o chapéu...
O relho, junto à faca ou ao braço
“Respeito” seguro pelo fiel!

Meu verso cruza os corredores,
Vence sangas e mananciais...
Deixa rastros nas coxilhas,
Exala incenso dos pasticais...
Arreios simples, pilcha modesta,
Nasceu campeiro – vive sem luxo –

41



Município de
Campo Bom

Dialeto terrunho, bem da fronteira,
A velha essência de ser gaúcho!

Parido em meio a campanha,
Tornou-se o próprio Rio Grande!
A estampa da pátria sulina
Por onde quer que ele ande...
Talvez por isso a insistência
De andar bebendo horizontes,
Presente olfateando o futuro
Com a alma fincada no ontem!

O meu verso lapida suas rimas
Gastando esporas no pago,
Sorve lendas, cultura e vida,
Nas seivas do mate amargo!
Por ser viciado em cambicho
Tem cicatrizes de adaga e bala,
E o perfume das conquistas
Benzendo as franjas do pala...

A faixa antiga, e de bom feitio,
Chinchando uma de dois panos...
Um cinto largo, de couro bueno,
Meu verso é charrua pampeano!

42



Município de
Campo Bom

Sem governante, sem dono,
Num jeitão simples e arredio,
Um poncho pátria nos tentos
Que é trincheira contra o frio!

O meu verso puro e ancestral
Vem das origens desse chão,
Do tempo das “garrão” de potro
E de apartar gado chimarrão...
Legado pulsando no sangue
De geração para geração,
Traz o canto nativo e criollo
Na garganta e no coração!

Mas como tudo que vive e existe
O meu verso vai se apagando,
Igual ao tropeiro e a carreta
Que ao tempo foram findando...
Mas por ser xucro e fronteiro
Ele há de deixar descendência,
Reverberando o gaúcho
Pelos rincões da querência!

Sim... vai combalido o meu verso,
E com ganas de desencilhar...



Município de
Campo Bom

De largar o pingo pro campo,
E quem sabe, enfim, descansar!
Levando esperanças de tiro
- e a fé no Senhor meu Deus -
Adelante, judiado, prossigo,
Pois esse verso que falo sou eu!